

Colômbia elege Espriella e entra na onda da ultradireita

Advogado desprezou a classe política durante toda a campanha

/ COLÔMBIA

A Colômbia seguiu a tendência de El Salvador, Argentina, Equador e Chile e entrou na onda de ultradireita que varre a região da América Latina nos últimos anos. O país foi às urnas no domingo e elegeu em uma votação apertada Abelardo de la Espriella. Com 99,58% das urnas apuradas, ele conseguiu 49,66% dos votos, contra 48,69% de seu adversário Iván Cepeda, apadrinhado do presidente Gustavo Petro. Esta contagem preliminar, que confirma a tendência observada por pesquisas de intenção de voto, costuma coincidir em quase 100% com os resultados finais.

A estreia do advogado de 47 anos em um cargo público será na presidência do segundo país mais populoso da América do Sul - atrás apenas do Brasil, com quase 213 milhões de habitantes, a Colômbia é lar de 53 milhões de pessoas e, em 2024, teve um PIB de quase US\$ 419 bilhões.

A façanha foi alcançada com um mix de fórmulas de sucesso da ultradireita. Espriella desprezou a classe política, apelidando-os como “os de sempre” e se colocando como um representante “dos que nunca”, adotou a camisa da seleção como símbolo para compôr o seu discurso nacionalista e prometeu linha-dura na segurança pública, que volta a ser uma das principais preocupações do colombiano dez anos após os Acordos de Paz com as Farc (Forças Armadas Revolucionárias Colombianas).

Andy Burnham confirma candidatura para suceder Starmer

/ REINO UNIDO

O ex-prefeito da Grande Manchester Andy Burnham confirmou ontem que disputará a liderança do Partido Trabalhista e, consequentemente, o cargo de primeiro-ministro do Reino Unido, após a renúncia de Keir Starmer. Em mensagem publicada no X, Burnham afirmou que a saída de Starmer “marca o início de uma transição” e defendeu que o processo ocorra de forma “ordenada e responsável”.

“O país espera estabilidade, seriedade e foco contínuo nas questões que mais importam, e é isso



JUAN BARRETO/AFP/IC

Ultradireitista vence e segue a tendência de outros países latinos

Tudo isso foi empacotado em uma retórica agressiva. Nos comícios, atrás de um vidro blindado, ele chamou seus adversários de criminosos e narcoterroristas e falou que Cepeda era o “candidato das Farc”, embora o senador nunca tenha participado da luta armada.

Com essa estratégia, abafou as polêmicas que rondam sua carreira como advogado, na qual defendeu paramilitares, o criador de um esquema de pirâmide e até mesmo o empresário Alex Saab, ex-ministro da Indústria e da Produção Nacional da Venezuela e suposto laranja do ditador venezuelano Nicolás Maduro. Sua imagem pública, aliás, foi construída justamente em torno do sucesso financeiro. Ao contrário de outros políticos, Espriella não tentou esconder sua condição econômica e a contrapôs ao que considerava um fracasso de seu adversário.

A virada ideológica na Colômbia se dá após o primeiro governo

de esquerda da história do país chegar ao poder em 2022, em parte devido à geração de dirigentes e militantes progressistas que foi assassinada no conflito armado.

A polarização fez o país registrar um recorde de participação - quase 24 milhões de colombianos participaram do 1º turno. Cepeda, inclusive, teve numericamente mais votos do que Petro na primeira votação de 2022, embora não tenha conseguido alcançar a liderança.

Cepeda não reconheceu a derrota na eleição. Mas afirmou que, caso se confirme o indicativo da contagem preliminar, que aponta vitória de Espriella, o resultado será validado. “Somos democratas, longe de nós o autoritarismo e a arbitrariedade”, disse, referindo-se aos membros do Pacto Histórico e da coalização Aliança pela Vida.

Após a contagem preliminar, os resultados finais serão divulgados nos próximos dias.

que terá”, escreveu. Segundo ele, as prioridades do governo devem continuar sendo o crescimento econômico, o custo de vida, os serviços públicos, a habitação e as oportunidades para as novas gerações.

Sua vitória em uma eleição parlamentar suplementar na semana passada foi apontada como o fator que desencadeou a decisão do atual premiê de deixar o cargo. Após quase uma década fora do Parlamento, período em que comandou a Grande Manchester, Burnham retorna a Westminster e deverá tomar posse como deputado ainda nesta segunda.

A disputa pela liderança trabalhista pode, no entanto, não ocorrer. O ex-ministro da Saúde Wes Streeting, considerado até então o principal potencial rival de Burnham, anunciou apoio ao colega e sinalizou que não pretende concorrer.

Em comunicado divulgado na Câmara dos Comuns, Streeting elogiou o legado de Starmer, afirmando que o premiê conduziu o partido a uma vitória eleitoral que “ninguém julgava possível”, manteve o Reino Unido fora da guerra com o Irã e promoveu avanços domésticos.

EUA reitera avanço nas negociações e condiciona liberação de ativos

/ ORIENTE MÉDIO

O vice-presidente dos EUA, JD Vance, reafirmou ontem que as negociações com o Irã continuam avançando, mas ressaltou que ainda há trabalho a ser feito para alcançar um acordo definitivo. Em declarações a jornalistas antes de embarcar no Air Force Two, Vance disse que se sente “muito bem” em relação ao progresso obtido até agora e destacou avanços nas discussões técnicas entre as partes.

“Teremos de continuar trabalhando nisso”, afirmou o vice-presidente. Segundo ele, as equipes seguem registrando progresso nas negociações técnicas iniciadas após as conversas realizadas no fim de semana na Suíça.

Vance também reiterou que o Irã “permitirá a entrada de inspetores nucleares pela primeira vez em muito tempo”, reforçando declarações feitas mais cedo pelo governo americano sobre a retomada das inspeções da Agência Internacional de Energia Atômica (AIEA). A informação, porém, já foi contestada por veículos da mídia estatal iraniana mais cedo, que

afirmam não haver confirmação oficial de Teerã sobre o tema.

O vice-presidente acrescentou que os Estados Unidos não liberarão ativos iranianos congelados caso não haja avanços concretos nas negociações. Segundo ele, qualquer flexibilização das restrições dependerá de progresso contínuo rumo a um acordo. O Escritório de Controle de Ativos Estrangeiros (Ofac, na sigla em inglês) do Departamento do Tesouro dos EUA, emitiu hoje a licença geral que permite ao Irã a produção, entrega e venda de petróleo bruto e outros produtos petroquímicos até 21 de agosto de 2026.

Sobre a segurança energética, Vance afirmou que cerca de 15 milhões de barris de petróleo passaram pelo Estreito de Ormuz e disse que Washington trabalhou para estabelecer mecanismos que garantam a permanência da rota aberta à navegação.

Irã e EUA concordaram ainda com a criação de um mecanismo para garantir o encerramento das operações militares no Líbano, informaram os mediadores Paquistão e Catar.

Irã aceitará inspeções de armas para garantir ‘honestidade nuclear’

O presidente dos Estados Unidos, Donald Trump, afirmou ontem que o Irã aceitará inspeções abrangentes em seu programa nuclear para assegurar a chamada “honestidade nuclear” no longo prazo, em meio às negociações entre Washington e Teerã para um acordo definitivo. Em publicação na Truth Social, Trump escreveu que “todos estão plenamente conscientes de que o Irã concordará com grandes inspeções de armas para garantir a ‘honestidade nuclear’ por muito tempo no futuro”.

A declaração reforça o discurso do governo norte-americano de que houve avanços nas conversas realizadas no fim de semana na Suíça. Enquanto isso, o fluxo de petróleo no Estreito de Ormuz está ocorrendo no ritmo mais rápido desde o início da guerra entre os dois países, apesar de Teerã afirmar que o principal ponto de estrangulamento da via marítima está fechado.

Na sexta-feira, sábado e domingo, petroleiros transportando cerca de 20 milhões de barris de petróleo bruto passaram pelo estreito, de acordo com dados de rastreamento compilados

pela Bloomberg.

Os dados contrastam com informações da segurança iraniana, que disse no sábado ter fechado o estreito. O exército dos EUA reiterou que a via está aberta.

Mais cedo, o vice-presidente dos EUA, JD Vance, afirmou que as negociações fizeram “bom progresso” e disse que o Irã concordou em permitir o retorno de inspetores da Agência Internacional de Energia Atômica (AIEA), possivelmente ainda nesta semana.

As declarações, no entanto, foram contestadas por veículos da mídia estatal iraniana. A agência Tasnim, ligada à Guarda Revolucionária Islâmica (IRGC, na sigla em inglês), informou que não houve confirmação de autorização para inspeções da AIEA e argumentou que qualquer retomada das atividades de fiscalização deveria fazer parte de um acordo final entre as partes.

Segundo a imprensa iraniana, as negociações na Suíça tiveram como foco a implementação do memorando de entendimento de Islamabad, incluindo a manutenção do cessar-fogo regional e a liberação de ativos iranianos.